

## A CONSTRUÇÃO DAS MASCULINIDADES NA OBRA AMADIANA TERRAS DO SEM FIM E CACAU

Irênio Santos Nascimento Júnior<sup>1</sup>

Orientadora: Profa. Dra. Suely Messeder

### JUSTIFICATIVA DO PROJETO

O corpo é o lugar onde se inscrevem disputas de poder. Ele atua na reprodução de signos na sua iterabilidade e citacionalidade<sup>2</sup>, termos derridianos, agenciados por uma minoria que sentencia o fazer do indivíduo, seu devir, sua finalidade, especialmente no Ocidente onde os signos que representam a nossa estrutura linguística são construídos por pares que se opõe entre si. É fundamentado nesse binarismo que conceitos normativos são alicerçados e solidificados por doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas. A exemplo, temos a genitália biológica que é apenas uma das referências pelo qual o poder político é agenciado e certificado. A simples observação dos órgãos externos parece nos trazer certo “determinismo” presente no comportamento sociocultural de homens e mulheres. Um fim preestabelecido para cada um. Numa sociedade que pactua e legitima a dominação masculina, nascer sob o signo do masculino ratifica o seu aspecto dominador sobre o outro. Essa relação de dominação se apresenta em microníveis da vida social humana e está tão arraigada que é possível encontrarmos sujeitos subjugados entendendo que há um caráter natural e quase divino na sua submissão dando ainda mais relevância a atitude de predomínio feita pelo dominador.

A princípio, iremos observar a representatividade desta tirania nos corpos de alguns personagens da obra de Jorge Amado sendo possível demonstrar a dominação de gênero perpetuada por instituições, Igreja, Estado, Escola, Família. É esse poder disciplinar que produz ferramentas que irão normatizar condutas tornando-as pertencentes a um determinado grupo de indivíduos, impondo exercícios, preceituando manobras com o intuito de se fazer onipresente em todos os setores sociais.

Butler aposta nos dois conceitos derridianos para expor gênero performativo como atos repetidos, que são, por isso mesmo, alterações sem origem, citações ou paródias, como ela mesma usa em *Problemas de gênero*. (Revista Cult, nov 2013. p. 35-37.) Em seguida, ao pontuarmos a dominação de gênero, o próximo passo será a reflexão acerca de como se apresentam as masculinidades no nosso objeto de estudo, sujeitos subjetivados nas obras. A masculinidade é

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural.

<sup>2</sup> Derivada do sânscrito *itara*, “outro”, a iterabilidade é a propriedade do signo de ser sempre outro na sua mesmidade, a repetição na alteração; a citacionalidade é a propriedade do signo de ser retirado de seu contexto “original” e deslocado para outro, produzindo, por isso mesmo, significado. Derrida argumenta que tais propriedades não são eventuais ou acidentais, mas constitutivas dos signos, portanto, dos atos de fala, e, delas, os atos retiram sua força.

simultaneamente uma posição nas relações de gênero, as práticas pelas quais homens e mulheres se colocam nesta posição e os efeitos destas práticas na experiência corporal, na personalidade e na cultura (CONNEL, 1995).

Procuraremos atestar com a pesquisa que não existe um padrão fixo de masculinidade a todo instante. Como as culturas variam entre si, os padrões de masculinidade acompanham também essa mudança. É possível deduzir que há diferentes construções da masculinidade em diversos cenários da classe social, diferentes etnias e regiões.

Desta forma, não há “o corpo”, mas corpos no plural e na diversidade, cada um deles com uma trajetória no transcurso do tempo. Através das práticas corporais-reflexivas, eles são tratados pelo processo social e desenhados na história, transformando-se em símbolos, signos e posições no discurso, sem cessar de serem corpos, pois a sua materialidade não está apagada, ela continua importando. As práticas corporal-reflexivas formam e é cultivada por estruturas que têm um peso e uma solidez histórica, constituindo um mundo titular de uma dimensão corporal, biologicamente condicionada, já que os corpos não são meios neutros de prática social. Sua materialidade importa: eles farão certas coisas e outras não. Desempenham papel substantivo no agenciamento social, gerando e talhando trajetórias da conduta no trabalho, no sexo e no esporte (Connel, 1995).

O corpo é vulnerável à linguagem, no sentido de que a linguagem, sendo performativa, atua, produz e fabrica esse corpo (Pinto, 2013). Assim, o corpo é produto e resultado, alimentado e intimidado pela linguagem. O corpo, efeito do ato de fala e do seu ritual, encontra um lugar epistemológico (através do ato de fala, o corpo torna-se inteligível), um lugar ontológico (o corpo torna-se regulável) e um lugar político (o corpo torna-se passível de legitimação e normatização). Os atos de fala limitam os contornos dos corpos, suas articulações possíveis, suas ações possíveis. A imposição arbitrária num ritual iterável tem como efeito a fixidez e a inevitabilidade. (Pinto, 2013). Assim, o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. (BUTLER, 2008).

E para integrar a nossa pesquisa, compreenderemos como os atos performativos masculinizados marginalizados e subalternizados repetem e expressam as pautas enredadas por gênero/sexo, classe e raça/etnia. Os agentes sociais, no curso de seus atos, atuam conforme estas normas ou pautas que nós, investigadores, também agentes sociais, buscamos apreender para compor o discurso científico (MESSEDER, 2009).

É justamente baseado nesses estudos que pretendendo vislumbrar a construção do sujeito além da dicotomia masculino e feminino, adentrando a órbita da teoria da masculinidade, na

tentativa de interpretar as vozes dos sujeitos discursivos. É nesta perspectiva que este anteprojeto se fundamenta empenhando-se em estar de acordo com a linha de pesquisa Margens da Literatura, do Curso de Mestrado em Crítica Cultural.

A importância desta pesquisa para o Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural diz respeito à procura de sinais subjetivos de opressão, patriarcalismo, subjugação e violência presentes e atuantes em alguns personagens da obra amadiana que traça um perfil fidedigno de sujeitos de comportamentos perversos, cruéis e vis.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand. Brasil, 2003

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 1989.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CONNELL, R. W. *Gender and Power: Society, the Person and Sexual Politics*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

CONNELL, R. W. *Masculinities: Knowledge, power and social change*. Berkeley/Los Angeles: University of Califórnia Press, 1995.

MESSEDER, S. Navegando em busca do giro na heterossexualidade compulsória: a construção teórico-metodológica dos atos performativos masculinizados. In: Cosme Batista dos Santos; Paulo César Garcia; Roberto Seidel. (Org.). *Crítica cultural e educação básica: diagnósticos, proposições e novos agenciamentos*. 01 ed. São Paulo: Edunesp, 2011, v. V.1, p. 313-325.

PINTO, Joana Plaza. Performatividade. *Revista Cult*, nov 2013. p. 35-37. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/11/o-percurso-da-performatividade/>. Acessado em: 18 de julho de 2014.

